

O Teatro de Revista seduz a Elite de Florianópolis – anos 20.

Profª Dra. Vera Collaço¹

A produção deste gênero dramático – a Revista – em Florianópolis, ao longo da década de 1920, é totalmente desconhecida pela historiografia catarinense. Eu “esbarrei” com esta informação no percurso de minha pesquisa para o doutorado, nos anos 2002-2003. Naquele período não havia como desviar o foco de meu objeto de trabalho, assim, registrei as fontes e os documentos para num momento apropriado dar início a uma nova pesquisa.

Nesta comunicação, apresento, pela primeira vez, alguns dados resultantes de minha nova investida sobre a história do teatro catarinense. Exponho, aqui, alguns aspectos de aproximação e diferenciação da *Revista* produzida em Florianópolis e do modelo referencial - Rio de Janeiro -, dando destaque, na perspectiva da imprensa local, para questões de conteúdo e a pertinência moral que deveria ser construída no teatro de revista de Florianópolis.

O teatro de revista e comédias é criticado, mas muito apreciado...

Se no Rio de Janeiro, então capital federal, as revistas e comédias ligeiras já eram motivo de críticas por sua imoralidade, em Florianópolis, uma capital, na década de 1920, provinciana e conservadora, as críticas aos desvios morais, que este gênero provocava, foram ferozes, sem, contudo, ser um fator diminuidor da presença do público ao teatro.

Em 1920, a Companhia de Revistas e Comédias Ribeiro Cancelli foi censurada pelos jornais e revistas locais pela “cruza bestial de seus espetáculos, que maculou o

¹ Vera Collaço – professora do departamento de Artes Cênicas, do Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutora em História – UFSC.

bom nome da nossa platéia”.² Nem por isso a temporada da companhia deixou de ser um sucesso absoluto de público, que muito se divertia com este gênero teatral.

Nos jornais eram constantes as críticas a este trabalho: “é a revista imoral e intragável na sua cinematográfica exposição de mulheres mal vestidas que vem à cena dizer tolices, quando não dizer e fazer indecências”.³ Caracterizavam este teatro como pornográfico, por demais “apimentado”, com exageros ridículos, torpe, cheio de “ditinhos imorais”. Às vezes as companhias passavam dos limites, segundo a imprensa, como o teria ocorrido com a Companhia de Revistas e Burletas Leoni Siqueira, em 1922:

Gostamos de rir, e somos dos que vêm no gênero teatral ora em voga, obra de puro chiste, com uns vagos tons de arte. Não emprestamos, entretanto, o nosso “beneplasto” a cenas que, sem intuito maior que o de achincalhar, vão de encontro a crenças, melhor, a religiões que se acham sob a proteção da nossa Carta Constitucional”.⁴

A imprensa local procurava destacar às companhias quando as mesmas apresentavam “espetáculos puramente familiares, com arte, graça e muito luxo”.⁵ Este foi o caso da Companhia Sper, em 1930, e da Companhia Brasileira de Sainetes e Revistas Lyson Gaster, em 1932, cujas “peças são de um humorismo sadio. Nada de exageros de espírito raiando na piada grosseira, na dialogação crespa, pela pornografia. Seus espetáculos são perfeitamente familiares”.⁶ Portanto, a imprensa local estava “comunicando” ao seu público, baseada em critérios morais, que estes espetáculos eram inofensivos, adequados às famílias.

² *Terra*, Florianópolis. N.18. Out. 1920, p. 12.

³ *O Estado*, Florianópolis, 8 set. 1920.

⁴ *República*, Florianópolis, 29 mar. 1922.

⁵ *O Estado*, Florianópolis, 28 jul. 1930.

⁶ *O Estado*, Florianópolis, 22 fev. 1932.

Nem mesmo Procópio Ferreira, na época um consagrado ator nacional, foi poupado de críticas: “Por falar, porém, em piadas, queremos lembrar ao nosso caríssimo Procópio que não está no Rio de Janeiro, onde tudo é natural. Aqui ainda existe um certo pudor. Talvez estejamos atrasados, mas nos sentimos bem assim”.⁷ Na forma de um irônico poemeto, um escritor local, retratou a falsa moralidade dos que criticavam este teatro, mas não deixavam de ir assisti-lo:

O senhor B de B, o moralista,
Evangelizador da grande seita
Que doutrina mais perfeita
Inimigo enraizado da “revista”
Foi visto no Teatro apreciando
A rir, a rir feliz e prazenteiro
O tão apimentado e galhofeiro
“Gênero bom” que estão representando
Eu ao saber que o homem corava
Diante da maldade; que pregava
A sã moral, pimenta foi “comer”
Lembrei-me do rifão que diz: amigo,
Fase desvanecido o que te digo,
Mas, o que eu faço escusa fazer.⁸

A revista – da Capital Federal às “províncias”

A intensa atividade do teatro de revista, como diz Neyde Veneziano, se alastrava por todo o país. “Era a praça Tiradentes (RJ) chegando a outros estados e esses outros

⁷ *O Estado*, Florianópolis, 19 fev. 1946.

⁸ *O Estado*, Florianópolis, 1 out. 1920. Assinado por Hi Jóta.

estados também produzindo as suas revistas com características próprias”.⁹ Florianópolis esteve incluída neste efervescer do teatro musicado pela produção local, principalmente na década de 1920, de grande número de revistas e suas variantes, as operetas e burletas.

Coube a Clementino de Brito (1879/1953) a primazia de ser o fundador do que foi considerado, pela imprensa local, o renascer do teatro em Florianópolis.

Abriu caminho para essa revolução digna de aplausos o nosso companheiro de redação Clementino de Brito (redator do jornal *O Estado*), com a féerie infantil *Casa de Brinquedo*, a qual se seguiu o *Jardim Maravilhoso*, que tiveram diversas representações no Álvaro de Carvalho, desta capital, e em outras cidades do interior.

Eram peças sem tessitura difícil, apenas ornadas de situações de uma leveza aérea e graciosa, adequadas ao espírito das crianças para as quais tinham sido propositadamente escritas. Não eram revistas, porque lhes faltava o ar saltitante e gaiato que distingue essa espécie teatral.

Mas o caminho estava aberto. O público deliciou-se em ver gente da casa a desempenhar os papéis das peças da terra, e isso despertou, nas rodas dos nossos intelectuais, o desejo de seguir esse caminho florido e ameno, em demanda de um divertimento são, arranjado ao nosso paladar.

Como se vê, a época é do teatro. Nele se exercitam as nossas mais empreendedoras inteligências.¹⁰

A elite intelectual de Florianópolis, especialmente os associados da Academia Catarinense de Letras, voltou-se para o teatro, em específico, para o teatro de revista.¹¹

⁹ Neyde Veneziano., *O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e Convenções*. Campinas: SP, UNICAMP, 191, p.45.

¹⁰ *O Estado*, Florianópolis, 29 jun. 1921. A Opereta *Casa de Brinquedo* é de 1920, e *Jardim Maravilhoso*, de 1921, encenadas no Teatro Álvaro de Carvalho com direção do amador Dante Natividade, e músicas de Álvaro Ramos.

¹¹ Dos associados da Academia Catarinense de Letras, nas décadas de 1920/1930, dedicaram-se ao teatro, principalmente ao gênero revista, os seguintes escritores: Clementino de Brito, Antonio Mâncio Costa, João Batista Crespo, Altino Flores, Haroldo Callado, Oswaldo Melo, Ogê

Era a descoberta do teatro cômico, e com ele um instrumento de imediata divulgação de suas obras através da encenação desta dramaturgia. Quase todas as revistas escritas na década de 1920 tiveram a sua passagem pelo palco, apresentadas no Teatro Álvaro de Carvalho, com a presença de “numerosa platéia” composta, também, pela elite da cidade.¹² Criava-se, assim, uma cumplicidade entre palco e platéia que garantia o sucesso dos novos dramaturgos catarinenses e os estimulava a escrever novas obras para este público.

A década de 1920 pode ser caracterizada, no teatro realizado em Florianópolis, como o primado dos dramaturgos na condução do movimento teatral, tanto que foi uma década de poucos grupos teatrais, sendo que a maioria das representações resultava da agregação de um corpo cênico em torno da figura do dramaturgo. Cabia, portanto, ao dramaturgo, escolher o ensaiador, o elenco e os componentes para a parte técnica do seu espetáculo.

Alguns nomes destacavam-se na composição do corpo cênico, além do dramaturgo, entre eles os ensaiadores Dante Natividade, que dirigiu quase todas as revistas produzidas em Florianópolis, neste período, e Félix Brandão. Na cenografia o destaque era o pintor Eduardo Dias, seguido do, também, pintor Joaquim Margarida.

Como observa Neyde Veneziano, ao tratar da expansão do gênero revista pelo Brasil, esta dramaturgia adquiriu características próprias nos diversos estados. A revista produzida em Florianópolis mantém as qualidades requeridas pelo gênero, e que lhe garantiam sucesso junto ao público:

Mannebach, João Melchiades, Nicolau Nagib Nahas e Gustavo Neves. Sobre a Academia Catarinense de Letras ver: Celetino Sachet, *A Literatura de Santa Catarina*, Florianópolis, Lunardelli, 1979. Celetino Sachet, *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*, Florianópolis, Udesc/Edeme, 1974. Carlos Humberto P. Corrêa, *História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias*, Florianópolis, UFSC, 1997.

¹² As músicas das revistas foram elaboradas, essencialmente, pelos músicos locais: Álvaro Ramos, Álvaro de Souza, Hermínio Jacques, Luiz e Ernesto Emmel, Hermínio Millis, Max Kuenzer e Hugo Freyes Leben.

A ausência de pose, de pedantismo; o gosto pelas idéias e expressões simples; o dom da caricatura, da graça fácil e espontânea; a habilidade no jogo das palavras, no uso do trocadilho; o interesse jornalístico pelos modismos, pelo que estava acontecendo no Brasil e mais ainda na cidade do Rio de Janeiro.¹³

Mas distanciava-se da revista produzida no Rio de Janeiro quanto aos aspectos morais. Os jornais locais faziam questão de diferenciar as revistas criadas por autores catarinenses, tratadas como familiares e lúdicas, das revistas que eram apresentadas em Florianópolis pelas companhias profissionais vindas, normalmente, do Rio de Janeiro:

O autor teve a originalidade de fazer humorismo sem as costumeiras piadas das revistas de costumes nacionais. Geralmente, estas são umas pérfidas exposições de obscenidades em rimas, musicadas e declamadas, com os adequados gestos e requebros indecorosos. (...) O criador do *Seu Jeca qué Casa* descobriu a maneira razoável de conquistar o sucesso, sem as grosserias do costume – substituiu a piada canalha, pela crítica elegante, que arrebatava, e pelo humorismo fino, que deleitava. É um trabalho de arte e não um trambolho de obscenidades elevadas à categoria de costumes da terra – costumes comprometedores, os tais.¹⁴

A crítica acima, de Gustavo Neves, uma das inúmeras que os jornais publicavam neste sentido, retrata bem o pensamento da elite intelectual local que não rejeitava o gênero revista ou as comédias de costumes, mas discordava da “imoralidade” nelas contidas como chamariz de público e sucesso. A imprensa elogiava a revista de costumes locais, produzida em Florianópolis, por ser “espirituosa e limpa”, com cenas “hilariantes,

¹³ Décio de Almeida Prado, *História Concisa do Teatro Brasileiro*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 106.

¹⁴ Gustavo Neves, *O Teatro Catharinense*, *O Estado*, Florianópolis, 19 set. 1921. A opereta *Seu Jeca qué Casa* é de Mâncio Costa, escrita e encenada, com enorme sucesso, em 1921, no Teatro Álvaro de Carvalho, com música de Álvaro Ramos.

mas de graça pura e sadia em que não se encontra uma só frase ambígua ou de interpretação menos moral”.¹⁵ As revistas deveriam ser movimentadas, “cívica, crítica, humorística, sem ferir a susceptibilidade de alguém. Nem fazer corar os bancos da platéia”.¹⁶

Quando algum dramaturgo local ia além do permitido era forçoso fazê-lo retroceder. Foi o que ocorreu com a revista *A Ilha dos Casos Raros*, de Nicolau Nahas, Nahas,

A peça despida como se acha das críticas pesadas que feriram susceptibilidades e que foram substituídas por números excelentes de canto e música. Força, é, porém, curvar-se as exigências do meio em que se vive e por isso achamos que muito bem andou o sr. Nicolau Nahas, acatando as nossas observações e retirando da peça algumas críticas muito pessoais.¹⁷

Assim, a crítica ao gênero revista abarcava além da problemática da sua tendência para a obscenidade, o perigo que a mesma podia representar, pela sua característica de atualidade, ao tratar de fatos recém acontecidos e de pessoas envolvidas nestes acontecimentos. A revista local deveria ser mais ponderada para não ultrapassar o limite do aceitável pelo público da cidade, segundo a perspectiva formulada pela imprensa local.

¹⁵ *República*, Florianópolis, 21 abr. 1927.

¹⁶ *O Estado*, Florianópolis, 22 maio 1930.

¹⁷ *República*, Florianópolis, 13 set. 1927. A revista *A Ilha dos Casos Raros*, de Nicolau Nahas, estreou em setembro de 1927, sob a direção de Dante Natividade, com música de Ernesto Emmel, no Teatro Álvaro de Carvalho, encenada pelo Centro Dramático e Artístico de Santa Catarina.